



UM CAMINHO PARA ALFABETIZAR LETRANDO: conceitos e desafios

Hérica Paiva Pereira

Universidade Federal de Campina Grande - hericap2@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo mostrar que alfabetizar letrando é a forma mais eficaz para introduzir a criança no mundo da linguagem através de atividades múltiplas que considere seu conhecimento prévio, valores e cultura na construção de sentidos. Nesse contexto, apresentamos o percurso da alfabetização aplicada no Brasil, no que diz respeito aos métodos sintéticos e analíticos, até chegar ao alfabetizar letrando. A pesquisa nos comprova que os métodos sintético e analíticos não deram conta do desenvolvimento da linguagem, principalmente por trabalhar grafemas, fonemas, palavras e frase de forma descontextualizada, não inserindo, assim, a criança em suas práticas sociais. Como resultado, apresenta-se um ensino aprendizagem desmotivador e sem significação para o aluno. Nesse contexto, destaca-se o alfabetizar letrando, que como prática, considera os conhecimentos prévios do aluno, sua cultura, valores, etc, como parte constitutiva na construção do conhecimento, ao dialogar com os novos conhecimentos adquiridos na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização, Letramento, Ensino, Multiletramentos.



PRELIMINARES

Ao adentrar-nos na problemática da Alfabetização constatamos que não se trata de um processo voltado, somente, para a aquisição do domínio do Sistema alfabético de escrita e para a decodificação dos sons da fala. Esse vai muito mais além, por isso, requer do professor alfabetizador uma formação humana e pedagógica, mas também conhecimentos básicos da Linguística que lhe possibilite contribuir para o desenvolvimento da criança, no que diz respeito às competências necessárias para a aquisição da língua materna. Para isso é importante considerar que, a ação do professor deve passar por uma contínua atualização, para assim, poder proporcionar à criança, metodologias pertinentes e relevantes para o desenvolvimento da linguagem, através de conteúdos atrativos, e que tenha significação para ela.

Segundo Mortatti (2008), a partir do final do século XIX, com a Proclamação da República, incrementou-se no Brasil, o desejo de institucionalizar a escola, seguindo modelo de outros países. Nesse contexto, para alfabetizar a população, foram aplicados os métodos sintéticos e analíticos, com a intenção de oportunizar a todo brasileiro o acesso à leitura e à escrita, como tentativa para solucionar o analfabetismo no país.

O método sintético partia de pequenas partes para as grandes, ou seja, das letras à construção de sentenças, além de estudar os sons das letras de forma descontextualizada e, portanto, sem significação para o aluno. A sua preocupação consistia em desenvolver cópias, ditados, repetições em função da ortografia e da estética da letra. Já o método analítico, foi um pouco mais além, ao partir do todo para as partes e ao considerar a realidade psicológica da criança.

Diante desse contexto, surge uma disputa entre aqueles professores que preferiam um método ou outro, evidenciando assim que, a questão do método era o que norteava a alfabetização. Aqui é importante ressaltar que esses métodos não deram conta de uma aprendizagem voltada para o desenvolvimento da linguagem, que deve ultrapassar as fronteiras das famílias silábicas, estudadas de forma contextualizada, ou seja, um ensino aprendizagem que inserira a criança em seu contexto social.

Com a chegada do letramento no Brasil, na década de 80, muitos estudiosos da alfabetização acreditaram ter encontrado a forma ideal de alfabetizar. Segundo Tfouni (2010) esse é um processo mais amplo que a alfabetização e, portanto a contém, porque exerce grande influencia na cultura de quem está aprendendo,



como também, o envolve em situações reais de sua vida. Essa prática contribui também, para com aqueles sujeitos que não possuem o domínio da escrita, tornando-os capazes de atuarem nas diferentes práticas sociais.

Nesse contexto, o professor deve atuar como agente de letramento, ou seja, criar em sala de aula, um ambiente em que ocorra uma interação entre os novos conteúdos que o aluno deve aprender com a prática social que cada um traz para a escola. Sendo assim, o alfabetizar letrando é uma prática que ocorre conjuntamente. Para Soares (2004) este é também, um processo que envolve a representação dos fonemas e grafemas, mas também é um momento em que a criança começa a desenvolver a compreensão e a expressão através da leitura e da escrita.

Nessa conjuntura, o objetivo geral da pesquisa é mostrar que alfabetizar letrando é a forma mais eficaz para introduzir a criança no mundo da linguagem através de atividades múltiplas que considere seu conhecimento prévio, valores e cultura na construção de sentidos. Para isso, os objetivos específicos são: apresentar um recorte da alfabetização através dos métodos sincréticos e analíticos, trabalhados de forma descontextualizada, como um processo ultrapassado no ensino aprendizagem hoje, e demonstrar que a alfabetização não pode ser trabalhada de forma desvinculada do contexto social da criança.

Para fundamentar a pesquisa, nos embasamos principalmente em Mortatti (2011); Dias (2001); Soares (2017; 2004); kleiman (2005), dentre outros. E como metodologia, apresentamos uma pesquisa bibliográfica, sob uma abordagem qualitativa, com o intuito de compreender o porquê da eficácia do alfabetizar letrando diante dos métodos sintéticos e analíticos.

Nos dois capítulos, apresentados neste trabalho, abordamos os conceitos e concepções dos métodos sintéticos e analíticos de alfabetização no Brasil e o alfabetizar letrando como um novo modo de conceber a alfabetização.

1. OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: SINTÉTICO E ANALÍTICO

No final do século XIX, com a Proclamação da República, o Brasil com desejo de se modernizar decide alfabetizar a população. De acordo com os estudos de Mortatti (2008), o governo pensava que, oferecer o acesso à leitura e à escrita era suficiente para que o analfabetismo acabasse, no entanto, não foi tão simples esta passagem, dado que o discurso político prevaleceu em relação à concretização dos fatos.



Dentre esses, houve dificuldades, por parte de familiares, que não concordavam que os filhos estudassem, pois achavam que eles deveriam continuar trabalhando para contribuir financeiramente em casa.

Não obstante os empecilhos, a Alfabetização teve início no Brasil com o objetivo de trabalhar a leitura, escrita, conceitos básicos de matemática, além de conteúdos que tratassem das normas de civilidade e formação cristã.

De início, foi adotado o método sintético, dividindo-o em três partes: alfabético, fonético e silábico. Segundo Dias (2001), este tinha por objetivo a síntese, partindo de unidades menores para unidades maiores, ou seja, iniciando com os nomes das letras do alfabeto para depois realizar as combinações silábicas, por meio da soletração, até chegar à construção de palavras, frases, parágrafos e textos.

No método sintético alfabético, primeiramente se aprendia as letras do alfabeto e em seguida se fazia as combinações entre vogais e consoantes, começando pelas sílabas mais simples até chegar àquelas mais difíceis, formando assim as palavras. Esse processo sofreu muitas críticas, por parte de professores, por se tratar de um método que se preocupava somente em desenhar corretamente as letras e estar atento à ortografia, por isso se desenvolvia muito a cópia, ditados e formação de frases, além de exercitar as repetições, com a intenção de decorar somente, sem nenhuma relação com os conhecimentos prévios da criança.

O método sintético fonético conhecido também por método fônico está preocupado em estudar os sons das letras, realizando assim uma associação entre o som e a grafia de cada letra, começando com as vogais e em seguida com as consoantes. Em um segundo momento, a letra é estudada como fonema que juntamente a outro, forma sílabas e palavras. Para facilitar a aprendizagem, acrescentam-se gravuras de pessoas ou animais para facilitar a associação da letra ao som.

De acordo com os estudos de Dias (2001) esse método foi criticado por não dar conta das irregularidades fonéticas de certas combinações de letras que representavam sons diferentes como é o caso da letra x que se confunde com outros sons. Exemplo disso são: “x” com som “cs”, como anexo e conexão; “x” com som de “z” como exame, exato, exausto, etc.

No método sintético silábico iniciava-se com o estudo das sílabas que, associadas a outras sílabas, formavam palavras. “Em várias cartilhas, o trabalho inicial centra-se nas vogais e seus encontros, como uma das condições para a sistematização posterior das sílabas”

(FRADE, 2005, p.27). Este era um processo mecânico e pouco significativo para os alunos.

Enfim, vale salientar que o método sintético passou por muitas modificações com o objetivo de melhorar o processo de alfabetização através de abordagens alfabética, fonética e silábica, no entanto provou ser um método rígido e pouco significativo para a criança, por trabalhar partes isoladas como, as unidades sonoras, grafemas, palavras, etc, e de forma descontextualizada das práticas sociais das crianças.

A busca por um melhor método continua, e foi a partir do ano de 1890 que, o Estado de São Paulo, preocupado com a alfabetização, lançou o método analítico, de influência da pedagogia norte-americana. Esse partia de unidades maiores para unidades menores, por isso o ensino da leitura começava com as palavras para depois serem estudados os sons, partindo das letras.

Segundo Soares (2017), esse método considerou a realidade psicológica da criança, trazendo para o ensino aprendizagem algo significativo para ela. Esse processo partia da compreensão da palavra e só depois se chegava ao “valor sonoro de sílabas e grafemas”. (p. 18).

O método analítico surgiu a partir de duas perspectivas: a palavração e a sentencição ou global. No que se refere à palavração o alfabetizador apresentava a palavra ilustrada que deveria ser memorizada e só depois, dividida em partes (sílabas), que por sua vez davam origem a novas palavras.

Enquanto que na sentencição, partia das frases que, deveriam ser memorizadas, sem recursos visuais e, depois se trabalhava as palavras e sílabas que, de forma isolada, seriam analisadas quanto aos grafemas e fonemas. Já no global, considerado uma ampliação da sentencição, conhecido como conto e historietas, partindo de leituras que tinham um início, um meio e um fim, até chegar às palavras, sílabas e grafemas.

Esse método foi aplicado obrigatoriamente em todas as escolas de São Paulo, influenciando os métodos de alfabetização no Brasil, no entanto, de acordo com Mortatti (2008), ele não passou de uma adaptação do método sintético, utilizado anteriormente sem maior resultado, pois tudo girava entorno da decomposição da palavra em sílabas e letras, tornando-se sintético. Na visão de Dias (2001) esse método não surtiu os efeitos pedagógicos significativos, fator relevante na aprendizagem.

Enfim, tanto os métodos sintéticos como os analíticos deixaram a desejar, dando margem à novas buscas para a alfabetização.



2. ALFABETIZAR LETRANDO: um novo modo de conceber a alfabetização

O processo de alfabetização não trata apenas da aquisição de uma habilidade, ou seja, não basta aprender a decodificar as palavras para desenvolver a linguagem. Soares (2004) considera esse processo, um fenômeno de natureza complexa e de muitas faces, por considerar aspectos psicológicos, psicolinguísticos, sociolinguísticos e linguísticos, envolvendo a criança como um todo. Isso provoca uma desmistificação dos métodos tradicionais, preocupados somente com a codificação e decodificação, porque o alfabetizar letrando vai muito além do estudo somente da estrutura da língua. Sendo assim, é papel da escola oferecer as condições para que o alfabetizando se desenvolva, não somente na aquisição do código alfabético, mas também nas diferentes práticas sociais em que esse funciona.

O Ministério da Educação e Cultura, preocupado com a alfabetização no Brasil, nesses últimos anos, tem apresentado programas de capacitação para professores pedagogos, dentre eles o do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), instituído em 2012, que tem dentre os objetivos, o de garantir que todos os alunos dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados até o final do ciclo de alfabetização; contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores, além de construir propostas para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças nos três primeiros anos do ensino fundamental. (BRASIL, 2012).

Essas formações mostram a importância do trabalhar com a diversidade de gêneros textuais, que circulam em nossa sociedade, justamente para trazer as circunstâncias mais reais da vida da criança. Isso faz com que haja um diálogo contínuo entre os conhecimentos prévios, que a criança tem de seu meio social, com os novos conhecimentos que ela adquirirá na escola. No entanto, para que isso ocorra é necessário que o professor alfabetizador, além de possuir as competências necessárias para ensinar, deve saber resgatar as experiências que o aluno traz, realizando assim um ensino aprendizagem motivador e significativo para ele.

Dell'Isola (1996), ao falar do trabalho com a leitura, defende que um ensino aprendizagem, na vertente interacionista, deve ter presente que a construção de sentidos do texto se fundamenta também na experiência que o aluno traz do seu cotidiano, porque é isso que proporciona sentido para a criança.

Reafirmando essa visão, Tfouni (2010) diz que é necessário adotar a prática do letramento por ser um processo mais amplo que a

alfabetização e ter uma forte influência nas culturas várias, por abordar situações concretas da vida dos alunos. São essas práticas que permitem que o sujeito aprenda a posicionar-se diante das diferentes situações que enfrenta em seu meio.

Nessa perspectiva, Kleiman (2007) defende que a ação pedagógica desenvolvida no letramento parte da prática social para o conteúdo e não do conteúdo para a prática, como geralmente ocorre nas escolas. Isso justifica a busca de atividades pedagógicas que tenham significado para o aluno. Para isso, o professor deve atuar como agente de letramento, ao construir um diálogo constante entre os saberes que a criança traz de seu ambiente e a escola que lhe apresenta novos conhecimentos.

2.1 Proposta de atividade a partir do nome próprio da criança (1º ano)

Importante para o planejamento: Tempo para cada atividade 15 a 20 min.

Objetivo: Desenvolver a identidade da criança através do nome próprio.

- Prever a organização do tempo e espaço.
- Organizar uma roda de conversa com a disposição dos crachás.
- Escolher o material a ser trabalhado.
- Apresentar o poema “Com qual letra começa? Através de um cartaz.
- Um modelo de certidão de nascimento retirado da internet.
- Alfabeto móvel.

Pensar na avaliação da aprendizagem.

- As crianças no final da atividade devem reconhecer o nome próprio e saber que pertencem a uma família.

I MOMENTO:

Leitura do texto, destacando os nomes próprios

Atividades:

- Identificar os nomes próprios
- |Gêneros dos nomes (masculino e feminino)

Com qual letra começa?



Não importa o seu nome
Maria, Maiara, Melissa,
Júlia, Júlio e João, Luísa, Luis ou
Roberta
Diga logo, sem pensar:
Com qual letra ele começa?
[...]
Estão todos bem sabidos?
Já devem saber de cabeça.
Quais as letras do seu nome?
Com qual letra ele começa?

BRIGNANI, Darci Maria. De A a Z, de 1 a 10. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

II MOMENTO:

- Apresentar o modelo da Certidão de Nascimento, enfatizando o nome da criança, dos pais, avós, local e data de nascimento.
- Proporcionar um momento de discussão em que as crianças possam dizer o seu nome próprio, nome dos familiares (de acordo com o modelo da certidão) e o local de nascimento.

III MOMENTO:

- **Autoconhecimento da criança**

1- Eu sou assim

Neste quadro a criança desenha seu auto-retrato

2- O meu nome é

3- Ele começa com a letra

4- Quantas letras tem meu nome?

5- O meu nome completo é

IV MOMENTO:

- Momento lúdico em que se disponibiliza o alfabeto móvel para que a criança possa construir seu nome e o nome de um colega da sala.
- Fazer uma brincadeira de roda de memorização dos nomes dos alunos. Ex:
No ônibus que nós viajamos havia muita gente mas faltava **Marta** (colega da sala).
Marta responde: eu estava, quem não estava era Roberto...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho pudemos compreender a complexidade que requer o processo de alfabetização, já que esse envolve a criança como um todo, ao considerar aspectos psicológicos, psicolinguísticos, sociolinguísticos e linguísticos. Portanto, parabenizamos a todos os alfabetizadores por aceitar uma tarefa tão desafiadora como é a de alfabetizar nesta perspectiva.

O texto nos mostrou que as práticas pedagógicas, utilizadas nas cartilhas dos métodos sintéticos e analíticos não dão conta de uma aprendizagem, voltada para o desenvolvimento da linguagem, já que esses estão preocupados em desenvolver, somente, a codificação e decodificação do grafema/fonema, de forma descontextualizada, e, portanto sem significação para a criança e conseqüentemente desmotivadora por tratar de atividades repetitivas, que não fazem a criança pensar e dialogar, considerando suas práticas sociais.

Enfim, constatamos que o alfabetizar letrando é uma proposta que vai além de um estudo voltado somente para a estrutura da língua, pois a sua preocupação está em estabelecer um diálogo contínuo entre os conhecimentos e a prática social da criança, tornando assim uma aprendizagem significativa e atraente. Para isso, faz-se necessário uma maior preocupação com a proposta pedagógica a ser trabalhada com os alunos em sala de aula.

Nesse contexto, o desafio do professor alfabetizador, juntamente com a escola é o de oferecer as condições necessárias para que o alfabetizando possa desenvolver a leitura, escrita e oralidade, de forma a preparar-se para atuar nas mais diversas instâncias da sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa. Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Brasília: DF, 2012 d.



DELL'ISOLA, R. L. P. A interação sujeito-linguagem em leitura. In: MAGALHÃES, I. (org.) As múltiplas faces da linguagem. Brasília: UNB, 1996.

DIAS, Ana Lorio. Ensino da Linguagem no Currículo. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor / Isabel Cristina Alves da Silva Frade. - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). Alfabetização no Brasil: uma história de sua história. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

_____. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, 2006.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. 1 ed.. São Paulo: Contexto. 2017. 384p.

_____. Alfabetização e letramento. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica 1999.

TFOUNI, L. V. Letramento e Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2010.